

**A FACULDADE PAULISTA DE LETRAS E FILOSOFIA  
(1º DE JUNHO DE 1931)**

*Eduardo Tuffani* (UFF)  
[etuffani@vm.uff.br](mailto:etuffani@vm.uff.br)

Logo que passei a me dedicar à elaboração de um panorama histórico dos estudos latinos no Brasil, notei que alguns dos nossos manuais de História da Educação às vezes repetiam-se em certos pontos, evidenciando-se a necessidade de um trabalho mais aprofundado para esclarecer fatos muito importantes. De tais obras, acabei me norteando por *A transmissão da cultura* de Fernando de Azevedo (1976). Esse título é a terceira unidade de *A cultura brasileira* do mesmo autor (*idem*, 1971). As outras duas primeiras partes são “Os fatores da cultura” e “A cultura”. Se criticada pela desatualização e mesmo por lacunas, a obra F. de Azevedo é um dos clássicos no gênero, pois o autor teve boa formação humanística, fecunda atividade administrativa e foi grande professor e pesquisador.

Em se tratando de História da Educação no Brasil, causa estranheza como certos fatos são tratados apesar de haver publicações que os esclareçam. Quanto a obras mais antigas, a perplexidade é maior já que a proximidade no tempo não poderia justificar algumas omissões. Uma vez publicado o artigo “Os estudos latinos no Brasil” (TUFFANI, 2000/2001, p. 396), ficou claro daí em diante que o curso de Letras mais antigo no Brasil datava de 1925, oferecido pela Faculdade de Filosofia de São Paulo, mais tarde Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento. O curso de Letras do Instituto “Sedes Sapientiae”, tido até então como o mais antigo, teve a sua fundação em 1933, considerado também o Instituto o primeiro estabelecimento de ensino superior instalado após a reforma do ensino universitário de 1931 por Francisco Campos, Ministro da Educação e Saúde Pública.

No que toca às primeiras universidades e faculdades de Filosofia brasileiras, Ernesto de Souza Campos não trata da Universidade de São Paulo, a primeira, de iniciativa privada, fundada em 1911, instalada em 1912, em atividade até 1919, segundo minhas pesquisas (trabalhos em andamento). “Primeira” para diferenciá-la da Univer-

sidade de São Paulo, estadual, instalada em 1934. A primeira universidade brasileira, a Escola Universitária Livre de Manaus, depois Universidade de Manaus, criada em 1909, estabelecida em 1910, é tratada por E. de Souza Campos como uma simples faculdade ao discorrer sobre a Faculdade de Direito do Amazonas “ligada a uma instituição que se denominou Escola Universitária Livre de Manaus” (CAMPOS, 1941, p. 318). Como outros, E. de Souza Campos pouco escreve sobre as primeiras faculdades de Filosofia:

No mesmo esquecimento ficaram as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. *Instituições seculares em todas as partes do mundo* [o italiano é meu] eram desconhecidas no Brasil, até recente data. *Só medraram em São Paulo* [e no Rio de Janeiro], em data muito recente. (CAMPOS, 1940, p. 467.)

Das primeiras faculdades de Filosofia, E. de Souza Campos cita as duas faculdades mais tradicionalmente pesquisadas, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento e o Instituto “*Sedes Sapientiae*” (*id.*, *ibid.*, p. 488). Ambas as Instituições foram incorporadas à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Para as primeiras universidades brasileiras, deve-se consultar Luiz Antônio Cunha (1986, p. 198-211). Para a primeira Universidade de São Paulo, além de L. A. Cunha, especialmente Heládio Cesar Gonçalves Antunha (1974, p. 241-245). Até onde se pesquisou, houve oito cursos ligados às Humanidades antes da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Tuffani, 2005, p. 259). As primeiras faculdades de Filosofia ainda não foram estudadas satisfatoriamente, continuando a ser a melhor referência o trabalho de Américo Jacobina Lacombe (1974, p. 151-157). Seria demais exigir de A. J. Lacombe um estudo exaustivo. A Faculdade de Letras do Ceará, fundada em 12 de junho de 1913, de muito curta duração, só foi por mim arrolada ao compulsar um antigo periódico (*Arch. Univ. Manáos*, jan./mar. 1914, p. 8). Causa embaraço, no entanto, o fato de A. J. Lacombe não mencionar a Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, em atividade de 1924 a 1937. A. J. Lacombe cita a “Faculdade de Letras e Filosofia de São Paulo” antes da reforma universitária de Francisco Campos (LACOMBE, 1974, p. 155). Ao comentar um livro de Francisco Isoldi, faz uso de [*sic*] (*id.*, *ibid.*) pois na folha de rosto da obra de F. Isoldi há uma referência à “Faculdade Paulista de Letras e Filosofia” (ISOLDI, 1932), denominação correta da Faculdade Paulista, como se mostrará à frente no pou-

co que se sabe dessa Faculdade que foi, na verdade, a primeira de acordo com o Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, ligado ao Estatuto das Universidades Brasileiras. J. F. de Almeida Prado foi autor de outro livro oriundo de curso ministrado na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia: “Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira” (PRADO, 1935, p. 11).

E. de Souza Campos foi sócio-fundador e presidente da Sociedade de Filosofia e Letras de São Paulo, criada em 27 de novembro de 1930 em local cedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sendo João Cruz Costa o secretário do evento (Campos, 1954, p. 421-422). Tal Sociedade deu origem à Faculdade Paulista de Letras e Filosofia. Além de pouco tratar da Faculdade, E. de Souza Campos afirma que o seu diretor foi Antonio Piccarolo, aludindo à curta duração da Faculdade Paulista (*id.*, *ibid.*, p. 425). O diretor da Faculdade foi, pelo que se atestou, José de Alcântara Machado. Como a Faculdade de Letras do Ceará, a Faculdade Paulista não teve longa atividade, acreditando-se que não tenha sobrevivido muito além de 1932. Se houve alguma relação com a Revolução, não se pode afirmar até onde se sabe. A Faculdade Eclesiástica de São Paulo, faculdade pontifícia de Filosofia, ligada ao Seminário Provincial, manteve-se de 1908 a 1914, não tendo o seu fim nenhum vínculo com o início da Primeira Grande Guerra. Pouquíssimos autores dedicaram-se à Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, o que dificultou a pesquisa para um relato mais detalhado das atividades da Faculdade. Como algumas faculdades anteriores chamavam-se “Faculdades de Filosofia e Letras”, além do fato de haver então em São Paulo um curso superior de Letras, julguei que a Faculdade Paulista tivesse oferecido o segundo curso de Letras no País, no que me enganei como se lerá mais adiante. Deve-se lembrar que o curso de “Letras” cearense tratava-se de um curso superior de Ciências e Letras, pois nele ensinavam-se Ciências, Filosofia e Humanidades, sendo tal curso de “Letras” uma evocação do bacharelado de “Letras” dos liceus imperiais.

Diante da escassez de informações, decidi consultar o diário *O Estado de S. Paulo*, compulsando-o de março a junho de 1931. Duas notícias coletadas anunciavam para breve a instalação da Faculdade, o que não se deu talvez em razão do Decreto n. 19.851, de

11 de março de 1931. A primeira matéria, de fim de março, informava:

Este instituto de instrução superior, de cuja fundação falávamos há dias, está definitivamente constituído e será solenemente inaugurado para os meados de Abril proximo. (*Faculdade*, 25-3-1931, p. 4.)

No mesmo espaço, era divulgado o Conselho Superior: Diretor, [José de] Alcântara Machado; Vice-Diretor, Ricardo Severo; Secretário-Geral, Antonio Piccarolo; Consultor Jurídico, Spencer Vampré; Tesoureiro, Artur Mota (*id.*, *ibid.*). A segunda notícia, de fim de abril, tratava de uma conferência realizada na véspera por Antonio Piccarolo, intitulada “As Faculdades de Letras e Philosophia e o espirito universitario”, confirmando para logo a instituição da “Faculdade Paulista de Letras e Philosophia” (*As Faculdades*, 24-4-1931, p. 4). No início de junho, finalmente, a Faculdade foi inaugurada:

No pavilhão do Jardim da Infancia, anexo ao Instituto Pedagogico, realizou-se, hontem á noite, a sessão solenne de instalação dos cursos da Faculdade Paulista de Letras e Philosophia, recentemente fundada nesta capital. Presidiu a cerimonia o professor Alcantara Machado, director da Faculdade, que, abrindo os trabalhos, pronunciou uma oração, expondo o programa do novo estabelecimento [...]. (*Faculdade*, 2-6-1931, p. 6.)

Uma vez que a Faculdade oferecia cursos superiores de Letras e Filosofia, as matérias de ensino estavam reunidas em dois grupos, o literário e o filosófico. Compunham o grupo literário as seguintes cadeiras obrigatórias: Literatura Luso-Brasileira (Prof. Arthur Motta), Língua e Literatura Latina (Prof. Antonio Piccarolo), Língua e Literatura Grega (Prof. Othoniel Motta), Geografia e Etnografia (Prof. Sud Men[n]ucci), Introdução à História e Crítica Histórica (Prof. Francisco Isoldi), Glotologia, História Antiga, Medieval e Moderna, Línguas Novilatinas, Literaturas Novilatinas, Arqueologia e Paleografia, Arqueologia Americana, História da América e do Brasil e Estética Literária. Ao grupo filosófico pertenciam as cadeiras obrigatórias de Biologia (Prof. Ulysses Paranhos), Psicologia (Prof. [Manoel Bergström] Lourenço Filho), Lógica, Estética, Sociologia, História da Educação, História da Filosofia e História das Religiões. Havia também cadeiras livres, como Fisiologia, História e Filosofia do Direito, Línguas e Literaturas Orientais e Modernas, Psicanálise, Literatura Universal (Prof. Francisco Azzi), História das Instituições Primitivas (Prof. Spencer Vampré), etc. Quando a Faculdade foi inaugurada, alguns professores ainda não tinham uma

cadeira designada, sendo tal a situação de Affonso [d'Escragnolle] Taunay, [José de] Alcantara Machado, Ricardo Severo, Alberto Seabra, Americo [Braziliense] de Moura, Henrique Geenen, Mario de Andrade, Mario de Souza Lima, Guilherme de Almeida, Roldão Lopes de Barros, Carlos da Silveira e Oscar Stevenson (*id.*, *ibid.*). Mantive a grafia original ao arrolar os professores, fazendo uso de colchetes, quando necessário, por motivo de clareza.

A matrícula podia ser efetiva ou condicional, e os alunos, regulares ou ouvintes. O aluno regular fazia todas as matérias obrigatórias dos dois grupos oferecidos, podendo também optar por um único grupo apenas. Para obter o(s) diploma(s), o aluno regular era avaliado em exame final. O aluno ouvinte recebia atestados de frequência e certificados de habilitação das cadeiras por ele cursadas. Previam-se títulos de Doutor em Letras e Filosofia, Doutor em Letras e Doutor em Filosofia (*id.*, *ibid.*).

Para o ensino livre, divulgavam-se os seguintes cursos especiais a serem ministrados: “Questão Homérica” por Alexandre Corrêa e “Teatro Brasileiro” por Antonio de Alcantara Machado (*id.*, *ibid.*). É bom registrar os cursos pois graças a publicações deles originadas sabemos que o curso de “Letras” da Faculdade Paulista teve frequência. Demonstram o caso os livros de F. Isoldi e de J. F. de Almeida Prado. Diante das matérias que compunham tal curso, chega-se à conclusão de que o curso de “Letras” da Faculdade era um curso de Letras e História, e não de Letras *stricto sensu*. Na folha de rosto da sua obra mais divulgada, José Marques da Cruz apresenta-se como ex-professor de Filologia Portuguesa da extinta Faculdade Paulista de Letras e Filosofia (CRUZ, 1955). No que tange ao curso de Filosofia, sabe-se que todos os cursos desse domínio anteriores ao da Faculdade Paulista tiveram frequência, o mesmo não se atestando com relação a cursos de outras especialidades. Quando publiquei uma “Nota comemorativa” pelos oitenta anos dos cursos de Letras no Brasil, afirmei que a “Faculdade de Letras e Filosofia de São Paulo” era a menos conhecida (TUFFANI, 2005, p. 261). Hoje não se pode dizer o mesmo, nem chamá-la como aparece na imprensa do citado livro de F. Isoldi. Para se conhecer mais sobre a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, devem-se consultar mais os diários da época, biografias, memórias e correspondências dos professores que

atuaram nessa antiga Faculdade, a primeira instalada após a Reforma Francisco Campos.

P. S.: Após a conclusão deste trabalho, tomei conhecimento de um discurso de um ex-aluno para um ex-professor da Faculdade Paulista. Nesse discurso, Plínio de Barros Monteiro se dirige a Antonio Piccarolo, aludindo à fundação e ao fechamento da Faculdade:

Anos atrás, quando se fundava uma Escola de Filosofia, nesta cidade, defrontamo-nos pela primeira vez: eu, simples estudante, e vós, consagrado mestre de humanidades. A escola, que mal havia nascido do espírito a da abnegação de um pupilo de letrados e professores, findava os seus dias de existência, quando mal completara o seu segundo aniversário. (MONTEIRO, 1939, p. 53.)

A fonte é muito importante pois é a publicação de um discurso feito no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Também tem a seu favor o fato de datar da década em que a Faculdade Paulista esteve em atividade. Não ignoro alguns títulos, sobretudo de Odilon Nogueira de Matos, em que se fazem citações à Faculdade Paulista. Estou convencido, no entanto, de que a busca por fontes da época tem prioridade. O. N. de Matos afirma que a Faculdade esteve aberta em 1934 e 1935 (MATOS, out./dez. 1986, p. 341), o que está em desacordo com P. de B. Monteiro, para quem a Faculdade deixou de existir em meados de 1933. O que é certo é que a Faculdade funcionou à noite na antiga Escola Normal da Praça da República, sendo o seu principal idealizador Antonio Piccarolo (MATOS, jan./mar. 1996, p. 160), que, se também a dirigiu, foi após a gestão de José de Alcântara Machado. Também atuou como professor Alfredo Ellis Júnior (Matos, *id.*, *ibid.*), nome que não consta por ocasião da abertura da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia. Se fechou em meados de 1933, até onde se documenta, o fato se deu por vários motivos, aos quais talvez estejam ligados o impacto do Movimento de 1932, a fundação do Instituto “Sedes Sapientiae” em 1933 e a iminência da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Este trabalho está sujeito a revisão caso surja uma fonte da época que aprofunde a questão do fechamento da Faculdade Paulista. Para terminar, se funcionou até 1935 inclusive, houve tempo para conclusão de curso. Pesquisando com esse objetivo, ainda não encontrei notícia de alguém formado pelos cursos da Faculdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNHA, Heladio Cesar Gonçalves. *Universidade de São Paulo: fundação e reforma*. São Paulo: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sudeste, 1974.

ARCHIVOS DA UNIVERSIDADE DE MANÁOS. Manáos, v. 4, n. 1, p. 8, jan./mar. 1914.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Melhoramentos, Universidade de São Paulo, 1971

\_\_\_\_\_. *A transmissão da cultura*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

CAMPOS, Ernesto de Souza. *Educação superior no Brasil*. [Rio de Janeiro]: Ministério da Educação, 1940.

\_\_\_\_\_. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Saraiva, Universidade de São Paulo, 1954.

\_\_\_\_\_. *Instituições culturais e de educação superior no Brasil: resumo histórico*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1941.

CRUZ, José Marques da. *Português prático*. 25. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

CUNHA, Luiz Antônio. *A universidade temporã: da colônia à era de Vargas*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

FACULDADE Paulista de Letras e Philosophia. *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo, p. 4, 25 mar. 1931

\_\_\_\_\_. *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo, p. 6, 2 jun. 1931.

AS FACULDADES de Letras e Philosophia e o espirito universitário. *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo, p. 4, 24 abr. 1931.

ISOLDI, Francisco. *Preleções de introdução á historia e critica historica*: no ano de 1932 na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia. São Paulo: Faculdade de Letras e Filosofia de S. Paulo [por meio da] Editora Piratininga, 1932.

LACOMBE, Américo Jacobina. *Introdução ao estudo da história do Brasil*. São Paulo: Nacional, Universidade de São Paulo, 1974.

MATOS, Odilon Nogueira de. De guerra e de paz. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ano 18, n. 124, p. 340-341, out./dez. 1986.

\_\_\_\_\_. Recordando o “Velho Piccarolo”. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ano 28, n. 160, p. 3-5, jan./mar. 1996.

MONTEIRO, Plínio de Barros. Discurso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. 36, p. 51-54, jun. 1939.

PRADO, J. F. de Almeida. *Primeiros povoadores do Brasil: 1500-1530*. São Paulo: Nacional, 1935.

TUFFANI, Eduardo. Os estudos latinos no Brasil. *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, v. 13/14, n. 13/14, p. 393-402, 2000/2001.

\_\_\_\_\_. Nota comemorativa dos cursos de Letras no Brasil no seu octogésimo aniversário. *Revista da Anpoll*, Campinas, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, Universidade Estadual de Campinas, v. 19, p. 259-262, jul./dez. 2005.